

HERMILO BORBA FILHO: UM ESCRITOR MALDITO?

Heleno Afonso de Oliveira Pinto

A morte de um escritor, de um grande artista, provoca, geralmente, uma onda de curiosidade, de estudos, de interesse pelo que foi e pelo que produziu. Tal não aconteceu com Hermilo Borba Filho.

Os jornais da sua terra, na ocasião, falaram dele, os suplementos literários do **Correio do Povo**, o jornal **Movimento**, a revista **Veja** também. Mas não houve aquela apreciação crítica que se esperava, aliás não ocorreu, ainda, a avaliação, porque Hermilo Borba Filho continua um desconhecido, um escritor maldito.

Nas recentes histórias da Literatura Brasileira mal se fala em seu nome: Alfredo Bosi sequer o menciona, Luciana Stegano Picchio nomeia-o apenas como o autor da peça "Donzela Joana".

O silêncio que rodeia a sua obra é realmente grande e poderia ter dois significados: por ter escassa importância e pouco fôlego ou, então, por trazer à nossa crítica problemas novos e insólitos. Em suma, Hermilo é um problema aberto na Literatura brasileira. Qual o seu lugar?

Pondo de lado o papel que teve no teatro brasileiro como dramaturgo e encenador, importantíssimo papel também esquecido, pode-se tentar vê-lo como ficcionista e confrontá-lo com dois romancistas contemporâneos, ambos nordestinos e dramaturgos.

O Nordeste acha-se presente na sua obra de ponta a ponta, mas de um modo muito diferente.

Osman Lins é mais atraído pela interioridade dos seus personagens, porém tem sempre, no fundo do quadro, o aspecto histórico e social. Recife comparece, em Avalovara por exemplo, n' **A Rainha dos Cárceres da Grécia**, mas sem os contornos e as cores,

os cheiros que se notam na tetralogia **Um cavalheiro da Segunda Decadência**.

A linguagem de Osman, ao longo da sua obra, torna-se sempre mais **cartesiana** e depurada, sem regionalismo, quase **clássica**. Basta ver o rigor em **Avalovara**. Muito diferente é a linguagem de Hermilo: é **regionalista** sem o ser, nela existe uma tonalidade **barroca**, uma exuberância ao lado da mais extrema simplicidade, do cotidiano mais singelo e cru.

A problemática brasileira está em Osman Lins nos seus romances como no fundo de quadro. O leitor deve descobri-la. É forte, mas é mais viva e atuante nos seus ensaios. Em Hermilo, ao invés, a vida política e social do nordeste, do Brasil, está no cerne da sua obra de maior envergadura, **Um cavalheiro da Segunda Decadência**, com paixão, cor, som, realismo quase jornalístico usado como ficção.

Ariano Suassuna apresenta um nordeste medievalizado, mítico, heróico, heráldico, cheio de personagens da literatura de cordel, de misticismo sebastianista. Muitos o criticam, aliás, por embelezar demais e arrancar a dureza da problemática da sua região. Já o Narrador da tetralogia vê o seu povo, a sua terra com um olhar armado para averiguar a raiz dos seus problemas, do seu desequilíbrio, das suas injustiças. E tudo, de um modo exacerbado, é visto lado a lado com o erotismo, como ele fosse a chave que abre a compreensão do mundo.

Nisto também se vê mais uma diferença entre Hermilo e Osman Lins. O erotismo em Hermilo tem cores vivas, grotescas, humor, cheiro da terra e pretende ser uma forma de conhecimento. Também em Osman é determinante o seu papel, contudo é mais ameno na sua crueza, contido, civilizado na sua **expressão**. Em Hermilo é **selvagem**, tão **natural** que chega a ser escandaloso.

Também poder-se-ia confrontar Hermilo com José Lins do Rego. O cantor do **Fogo morto** fala também da decadência da aristocracia canavieira. Mas uma profunda saudade impregna o seu olhar de menino de engenho para ressuscitar, pela memória, um pedaço da sociedade nordestina. Já o Narrador da tetralogia é um anti-herói, um cavalheiro da segunda decadência, sem o quixotismo e a decência de Vitorino Carneiro da Cunha. É um desbocado, quase um marginal consciente e sem saudosismo da degradação do seu mundo. Sua busca do passado não se faz nostálgica mas angustiante e crítica, é mais **engajada** e abrangente do que a de Zé Lins.

Pela boca do personagem do romance **AGÁ** é possível ver, com mais clareza, a posição da obra de Hermilo em face do romance nordestino:

"Venho tentando arrancar o romance nordestino do puramente anedótico, pretendo colocar dentro da paisagem os problemas íntimos dos seus personagens. Isso já estou cansado de dizer: o que me interessa é o homem com todas as suas reações internas que podem ter ou não repercussão externa. Por outro lado, procuro recriar o Nordeste, num realismo mágico que, transfigurando seres e coisas, dê a medida exata de tudo o que aqui nos envolve. Sei que ainda estou bastante longe mas continuo num artesanato glorioso."

Foi esse artesanato que caracterizou seus últimos livros publicados pela Civilização Brasileira e pela Globo.

Compara-se muito a obra de Hermilo Borba Filho com a de Henry Miller. A este propósito, em entrevista à revista **Ele/Ela**, sem data, há este depoimento:

"Esse rótulo de escritor maldito me foi imposto por certos críticos brasileiros, aqueles justamente que pretendiam ver em mim um discípulo de Henry Miller, quando a diferença essencial que se estabelece entre mim e o escritor, segundo Leandro Konder, com quem concordo, é que eu sou escritor político, construtivo, preocupado com o social, enquanto Henry Miller se caracteriza pelo anarquismo".

Apesar dessa afirmação, as dificuldades que a sua obra encontra têm afinidades com as que Miller encontrou. E possui também muitos pontos de contato, embora seja verdadeira e determinante a diferença entre Hermilo político e preocupado com o social e a crucificação masoquista e anárquica de Henry Miller.

Outro parentesco — ao menos numa parte da obra de Hermilo — pode ser esse: **a tetralogia é um romance autobiográfico**. O próprio Hermilo o diz na entrevista supracitada:

"Toda obra de ficção é, num sentido essencial, autobiográfica. Ninguém arranca nada do nada. Ou você inventa, partindo de uma realidade-real (a definição excelente é de Vargas Llosa), ou de uma realidade imaginária. Quer dizer, ou você viveu ou viu viver a situação, ou você extrai da sua imaginação. De qualquer modo, a obra é um resultado do seu eu, do seu mundo interior ou do seu mundo íntimo. Não há como escapar. Por mais hermética, arbitrária, ilógica que se apresente a obra de ficção, o criador é parte integrante dela e transmite-lhe suas coisas. Nem toda a minha obra é autobiográfica nesse sentido em que você a emprega, quer dizer, com minhas aventuras e desventuras palpáveis. Escrevi dois romances, **Os caminhos da solidão** e **Sol das Almas** que nada têm a ver com este autobiográfico palpável. E o último livro **O general está pintando** também não, a não ser na medida das pessoas que conheci e recriei, cortando-as em fatias ou juntando várias numa só lata como sardinhas. No meu único romance autobiográfico, no sentido palpável, **Um cavalheiro da Segunda Decadência**, esgotei as minhas andanças sociais, políticas, religiosas e sexuais. Minha catarata já foi feita, minha confissão executada, minhas penas cumpridas. E nesse tipo de literatura confessional não havia por que me poupar. E se não me poupei, porque haveria de poupar os outros? Enquanto escrevia a tetralogia, a frase de James Joyce estava sempre presente: "Não sei escrever sem ferir ninguém."

Sendo assim, talvez seja lícito dar a essa parte da obra de Hermilo o mesmo juízo que ele deu sobre a de Miller:

"Fico tentado em classificar a obra de Henry Miller no tipo de literatura confessional que nos vem desde Santo Agostinho, com passagem por Restif de la Bretonne e Jean-Jacques Rousseau, para atingir, nos dias atuais, Jean Genet sem contar muitos outros, mas a própria declaração de Miller leva-me a crer que se trata de uma obra semiconfessional, com aproveitamento dos fatos mais importantes de sua vida recriados, transfigurados, caricaturados em forma artística, a vida confundindo-se com a ficção, a tal ponto que já declarou não estar certo da ordem cronológica dos acontecimentos, uma boa desculpa para quem quer escamotear o real ou o imaginário".

Outro aspecto em que os dois romancistas se encontram é o do erotismo. Será Hermilo, assim como Henry Miller, no dizer de muitos, um obsceno, um pornográfico? Nele o pornográfico suplanta o retrato ético, político das personagens? A análise desse problema cai noutro plano: no ético e ideológico. Foge ao tema desta rápida apresentação. O erotismo e o sexo são, realmente, a tonalidade dos seus livros e seria muito bom estudá-los dentro da sua obra. De qualquer forma Hermilo sempre os considerou importantes. Eis o que disse ainda na entrevista à *Ele/Ela*:

"... já reparou como os meus romances são religiosos, envolvendo todo um compromisso do homem no plano da transfiguração, na crença shakespeariana de que há mais qualquer coisa entre o céu e a terra que a tua filosofia desconhece? O que acontece é que eu considero o sexo uma coisa normal (o que é anormalidade?), própria do homem, enorme, divina".

A tetralogia, como toda a sua obra, é uma explosão do erótico como matéria de conhecimento da vida, de Deus, do cosmo. Mas no seio desse clima de erotismo corre sempre um sopro místico que envolve a vida e o problema de Deus e do Diabo na terra do sol onde Hermilo faz viver seus mais fortes personagens. Mas ligado a ele há um outro tema que aflora: o da santidade. Talvez se pudesse extrair da sua obra uma teoria da santidade ou melhor, a figura de um santo às avessas. Seria mais uma pergunta que Hermilo suscita e que espera resposta a fim de que não continue sendo um escritor maldito da Literatura Brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORBA FILHO, Hermilo. *Os caminhos da Solidão*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1956.
- . *Sol das Almas*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1964.
- . *Um Cavaleiro da Segunda Decadência. I A margem das Lembranças*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1966.
- . *Um cavaleiro da Segunda Decadência. II A porteira do mundo*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1967.
- . *Um cavaleiro da Segunda Decadência. III O Cavalo da Noite*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1968.
- . *Um cavaleiro da Segunda Decadência. IV Deus no Pasto*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1972.
- . *Henry Miller, vida e obra*. Rio de Janeiro, José Alvaro Editor S. A., 1968.
- . *Agá (versão cor-de-rosa)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974.
- . *Os ambulantes de Deus*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974.
- . *O general está pintando*. Porto Alegre, Globo, 1973.
- . *Sete dias a cavalo*. Porto Alegre, Globo, 1975.
- . *As meninas do Sobrado*. Porto Alegre, Globo, 1976.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1977.
- LINS, Osman. *Avalovara*. São Paulo, Melhoramentos, 1975.
- LINS, Osman. *A Rainha dos Cárceres da Grécia*. São Paulo, Melhoramentos, 1976.
- PICCHIO, Luciana Stegnagno. *La Letteratura Brasiliana*. Milão, Sansoni Accademia, 1972.
- SUASSUNA, Ariano. *Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* (romance armorial-popular brasileiro). Rio de Janeiro, J. Olympio, 1972.
- LINS DO REGO, José. *Fogo Morto*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1974.